

Pão Nosso...

Porto, 18 de Maio de 1910.

N.º 5

SUMMARIO:

- I— A FEIRA DAS VAIDADES OU CONGRESSO NACIONAL.
- II— UM PADRE DESPADRADO.
- III— A ESGANAÇÃO DE ST.º ANTONIO.

A feira das vaidades OU Congresso Nacional

O alfobre messianico. — Um congresso nacional que não representa a nação. — Tecelões de patranhas, antigos responsáveis. — D. Joaquim Costa e a «União Nacional».

Discurso dum congressista esquecido, na primeira sessão, antes da ordem do dia.

SENHOR PRESIDENTE:

ILUSTRES CONGRESSISTAS:

Eu vivia inocente na paz da minha aldeia, cuidadoso no amanhã das leiras, desvelado no fabrico das manteigas de vaca e de mulher. Já floriram os favaes, dentro em breve pinta a ervilha, o proprio cometa d'Halley nem sequer assusta o meu

abade, que na antevisão do dia de juizo, liquidando contas com a divindade, vendêra a egoa e trocara a ama.

Desquitado de canseiras, sem tropeços com o fisco, deitei-me ao cultivo do espirito. Li periodicos, e volumações de gran sabença. De tanto ler, uma cachopa, toda ella só ancas e desejo, ameaçou-me de tresler.

Supitamente, ante meus olhos passaram as notas relativas ao *Congresso Nacional*. Ideia bem dita, ideia de salvação! Sou patriota á antiga portuguesa; gira-me no redenho e mais regiões limitrofes da alma, sangue d'avós fronteiros, que trocaram peloiros a granel com a galegada d'além rio, e deram de chuço e foice nos franchinotes inválidos que o exercito de Soult arrastava na retaguarda.

Que vinha a ser tal Congresso? Uma assembleia de redentores, uma congregação de cirurgiões, preconizando uma rapida intervenção nos caneros nacionaes. Lá se iam de vez, expulsos e derrotados, os caciques, as oligarquias governantes, os bandos de *condotieri*, os que nos sonegam o pão e a liberdade, os que integraram Portugal nas correntes da civilização africana, separando-o da Europa pêla macissa muralha da ignorancia, da miseria fisica, moral, e mental, da ausencia de civismo e dignidade.

Se para se redimir um povo exigem sacrificios, devotemo-nos. A historia dos progressos humanos escreve-se nas paginas dos martirologios. As grandes mudanças foram sempre o fruto das grandes abnegações.

Vim pelo caminho entranchando a corôa d'espinhos, e desde a sessão d'abertura encontro-me no jardim da retorica insincera. E' um concilio de bem-falantes, um club de Messias tropegos e mestiçados, avessos ao Calvario, — uma mentira inaugurada pelo representante dum regimen de mentiras e mentirosos enganos. Em vez da *revolução de cima*, isto só pôde acabar por uma saraivada de condecorações.

Quem lhes deu ousio, illustres congressistas, de se intitularem Congresso Nacional, *congresso dos congressos*, como preferiu o sr. Consiglieri Pedroso, republicano teorico e monarchico pratico?

Acaso por nelle tomarem parte homens de todas as côres? Mas, se me dão licença, faltam aqui as duas maiores forças da situação: o sr. José Luciano e o padre Luis Cabral, superior dos jesuitas e confessor do Paço.

Aos congressistas, que por serem homens com acção definida na vida publica, sobre a vida publica teem ideias definidas, exige-se-lhes que á porta deixem as suas opiniões em materia politica e religiosa. Ao transpôr o portal, pendura-se o sobretudo e o cidadão no vestuario. Aqui dentro somos capados. Em logar de congresso um chá d'eunucos.

O povo não conta aqui representantes directos. São apenas as classes dirigentes as que ahi vejo. Talvez nos sucêda reunirmo-nos para uma confissão geral. Nesse caso faz minga o patriarca para nos lançar a absolvição, e um sacco d'indulgencias para nos livrar dos infernos.

Será nacional o congresso, por englobar todos os problemas urgentes, e trazer no seio uma ideia organica, construtiva da nação, coisa a modos das côrtes que aclamaram no mestre d'Aviz a independencia e integridade da patria?

Não, senhores congressistas, nesse ponto somos neutros, incolores, insexuados, ou talvez hermafroditas. Não se toca no problema politico e religioso — como pronunciou o illustre secretario sr. Pereira de Matos. — « para desviar do congresso o espirito sectario ». Oh! alevantado pensador! E não ha, porventura, espirito de escola e de seita nas questões economicas, nas doutrinas juridicas, nas orientações pedagogicas, nos problemas sociaes, nas altas e frias regiões da especulação filosofica, e nas proprias teorias scientificas? Não se defendem, em materia tal, opiniões opostas, com a mesma paixão e cegueira, que no campo da religião e da politica?

Por fatalidade historica achamo-nos hoje no momento critico, que os povos civilizados já vingaram, da urgencia de so-

lução do problema politico, Dependem os restantes d'elle, por lhe estarem subordinados.

Construir ignorando-o, é lançar alicerces no vento. Fechar uma abobada sem elle, é pôr por chave no remate da cantaria — uma teia d'aranha. Parecemos, congressistas illustres, um bando de cosinheiros mestraços, atarefados na cosedura dum novo guisote. Trazemos os adubos e o conduto, mas ninguem quiz encarregar-se da marmita, não sei se por escaudar, se por estar suja.

Como querem erguer a escola livre, meter a pedagogia moderna nas escolas officiaes, num Estado submisso ao jesuita, e em que a Igreja Romana é religião do mesmo Estado?

Como resolver a questão financeira, se a causa da ruina da fazenda publica é e será o regimen?

Como pôr em equação o problema juridico, se as instituições funcionam negando os principios do direito, e cunhando moeda falsa como falsificadas liberdades?

Quantos estudos e campanhas se não publicaram e batalharam em prol da defêsa maritima e terrestre, conservando-nos o Estado no mais criminoso dos perigos?

Questões são essas que só se resolvem, não no Estado, mas contra o Estado.

Que medicos nós resultamos, illustres congressistas! Em face do doente, já quasi cego pelas belidas, matamos o tempo collocando-lhe deante do olhar espelhos polidos e de puro metal, sem que ninguem se atreva á tão singela operação da catarata.

Parece que só o problema do pão vos preocupa, e não a questão da liberdade. Sem quererdes, parafraseaes aquella obra prima do genero ardiloso que entre os reaccionarios abriu carreira: — «Que pedaço de pão se dá ao povo quando se lhe outorga um direito?»

E comtudo, pão e direito são bons irmãos. A liberdade não está, na razão inversa dos cereaes. A grande Revolução de 1789, não foi apenas um movimento redentor; foi para a sociedade um rendoso e lucrativo negocio.

Libertando a propriedade da mão morta, acabando com as

desigualdades nas heranças, emancipando o trabalho da servidão das corporações mestreiras, rasgando horisontes a todas as iniciativas e ambições, — a Revolução enriqueceu o mundo. É de maior espanto a sua refundição económica, do que a sua obra política. Balance-se a Europa um século antes e um século depois de 89. A liberdade centuplicou a riqueza. Os direitos do homem foram o adubo mais pingue e fecundo das campinas.

*

* *

Nestas salas se encontram homens de capacidade e talento, com responsabilidades intelectuaes, vida justa e sã, alguns pensando por sua obra já realisada. Chora-me o coração de cá os encontrar, debaixo duma taboleta que se diz nacional, e que é mascara de snobismos varios, com intuitos vaidosos, ou hieraticamente pataratas, ou soberanamente perniciosos, pois derivam as energias do fito em que todas se deviam concentrar — a profunda transformação politica das instituições.

Mas a que veem tanto conselheiro, tanto deputado, tanto politicastro, culpados do descalabro nacional?! Isto é convento de Madalenas arrependidas, ou errata que elles poem aos seus actos passados?!

Que representa na presidencia duma sessão, o sr. Jacinto Candido, que a não ser como bispo do nacionalismo, por si proprio nem uma figa vale?

Que dirá daquella elevada cadeira o sr. Anselmo d'Andrade, a não ser o que em nota ao seu *Portugal Economico*, nos descobriu, — terem-no corrido do cargo de ministro da fazenda por entre outros planos, alimentar o ignominioso projeto de equilibrar as despesas com a receita?

A que proposito surge o sr. Julio d'Araujo, a recitar um discurso feito por outrem sobre o problema financeiro, elle que só pode vir como delegado do seu irmão Pedro d'Araujo, cacique argentario do Porto, banqueiro cujos bens engordam precisamente com as nossas avariadas finanças!

De que valor representativo dispõe o sr. Consiglieri Pedroso, republicano de Sua Magestade Fidelissima, se a Sociedade de Geografia, depois que lhe proibiram interessar-se pelos assuntos nacionaes, é uma aposentadoria de sabios de 4.^a classe, que promovem centenarios e festarolas?

Que diabo de reclamações operarias tirará do sovaco um sr. Azedo Gneco, socialista de cambiantes incertos, fautor da republica social dentro da Carta?

Que exquisitice de tese escolheu o sr. Armelim Junior sobre a imprensa, em vez de num congresso nacional, bradar pela liberdade de pensamento e de opinião, que nos roubaram?

Explicará o sr. Conde de Penha Garcia, como se liquidou aquelle adeantamento de 61:000 fr. á rainha viuva, ou encerrará o congresso o sr. Fernando de Souza, com vivas á santa religião de nossos paes?

* * *

Houve em Espanha, ilustres congresistas, um movimento mais sincero e forte do que este. Conduziu-o uma cabeça mais vigorosa e robusta, do que as melhores que aqui vejo: D. Joaquim Costa.

Não era um politico, era um pensador, afastado das contendas partidarias, recluso no seu gabinete, obreiro dum trabalho mental que deslumbra pelo seu fulgor e originalidade. O fragor do imperio colonial que desabara, arrancou-o ao ceo das ideias, e arrojou a sua grande intelligencia e o seu grande coração ao mundo das realidades atuaes.

E então soou na Espanha outra voz igual á do Fichte germanico, revolvendo-a como se bate o grão de trigo na eira, chamando-a á salvação. Dirigiu-se ás classes neutras, para as empuxar á vida nacional, despresando os politicos profissionais. Federou Camaras Agricolas, atraiu as Corporações commerciaes, e apresentou o programa mais completo, pormenorizado, radical e pratico, que jámais se vira em terra onde os programas irrompem ás môlhadas, como os cardos em Castela e os cravos em Valencia.

No Ateneu de Madrid iniciou e resumiu o primeiro ensaio realizado em Espanha, para ella se conhecer a si propria e dar-se conta do seu estado. Classificou os problemas com uma nomenclatura lapidar, ferro em fusão, despedindo áscuas.

A'quelle intenso e largo movimento de regeneração, chamou-se a *União Nacional*.

Porém cometeu a mesmo erro que a nós hoje nos engana: — Tentar a renovação dentro do existente.

Sonhou nma força ingente que no seu rolar envolvesse os politicos; viu malogrem-se-lhe as esperanças, e a União Nacional sossobrou no seu arduo empenho.

Então a Camara Agricola do Alto Aragão, como orgão do movimento, publicou um manifesto designando para instrumento executor do seu programa, um governo formado no seio do partido republicano. E ajuntava:

«Não somos nós que o escolhemos: é o unico que a historia quiz deixar-nos.»

Palpae o exemplo, congressistas illustres! Quando declaraes abster-vos da politica, fazeis politica suicida.

Um dos vossos propagandistas afirmou lá na minha provincia, que d'aqui sairia um programa, e que com elle numa salva de prata, irieis por casa dos partidos, vendo quem mais dava. Fôra eu ministro do reino, e mandar-vos-ia dar uma data de sabre. A vêr se assim vos convencieis de que um programa nacional sem politica, é como um cidadão sem lombos.

Senhor presidente, e illustres flautistas: tenho dito.

Fortes murmurios de desaprovação pontuaram todo este discurso, que foi pateado no final. Por proposta do snr. Reis Santos, declarou-se o congressista — expulso. Houve, porém, quem opinasse arranjar-lhe de preferencia uma carta de conselheiro, porque em regra os conselheiros vegetam inofensivos.

Um padre despadrado

Antonio Candido. — O Retorico — Suas profissões d'ateismo. — Incongruencias. — O ministro de 1891. — Um caso impossivel lá fóra.

Estamos no crepusculo dos deuses, ao despegar-se do barro das estatuas o seu poejamento d'oiro, em chuviscos d'avelorios. Apeiam-se os idolos, esfriam as caçoilas de perfumes que lhes fumegavam nos altares. Já que se dobra a finados, ajude-mos a bamboar os sinos.

Fartos annos ha que ao cair na conversação o nome de Antonio Candido, esfusiava das quatro esquinas do mundo, o côro laudatorio das admirações, estrondosas.

«Oh! o rei da tribuna! Oh! o dominador da palavra! O artista! o mestre! o colosso! o genio! o Unico! Nasceu na Grecia, na divina Grecia! Um espermatozoide perdido de Demostenes! Fala, e é como se choveram azas de borboletas, pétalas de peonias, suspiros de rosas namoradas, almas de jasmims, aljôfre de luar. Traz os gestos pregados com alfinetes, a voz afinada por um violino misterioso, como aquelles oradores romanos que na tribuna guardavam um tocador de flauta para lhes modular a tonalidade. Oh! E' um encanto, um sedutor, um gigante!»

E por ter nascido com esta carga desmesurada mesmo para arcaboço minhoto, o snr. Antonio Candido Ribeiro da Costa é ainda mais:

Doutor de capêlo e borla:

Lente catedratico de Sciencia politica e Direito constitucional na Universidade:

Membro do Conselho d'Estado:

Procurador Geral da Corôa e Fazenda:

Par do Reino:

Presidente do Supremo Conselho da Magistratura do Ministerio Publico:

Presidente do Conselho Geral Penitenciario:

Vogal do Conselho Superior d'Instrucção Publica:

Membro da Academia Real das Sciencias:

Diretor do Dicionario da Lingua Portuguêsa (com subsidio do Estado); — e até ha dias, Vice-Governador da Companhia Geral do Credito Predial.

Já foi tambem ministro do reino, e presidente da Camara dos pares.

Já foi padre, e despadrou-se; mas ser padre afeiçoa e informa o espirito, e como traço imborravel da sua fisionomia moral, persiste sendo o que sempre foi: — um sacerdote ateu.

Venho de reler, e marcar passagens, nos dois volumes da sua oratoria: as *Orações Funebres*, eloquencia sacra, e *Na Academia e no Parlamento*, sermões profanos.

Não é um orador no sentido rigoroso e filosofico do vocabulo: é um retorico, um retorico da decadencia, alambicado de preciosismos, crème e morangos, chalrando como um *abbé* do seculo XVIII na alcôva duma duquêsa já durásia. O orador vence e convence; o retorico distrae. O primeiro repele ou avassala; o segundo toma-se por passa-tempo.

Todos os seus trechos valem uma fita cinematografica de lentejoulas, de banalidades vestidas de setim, de citações respigadas incriticamente, as mais das vezes pedantescamente universitarias, de artificios sorvados em todos os pulpitos ecclesiasticos.

Não é um tribuno. Não marulham nas suas frases as aguas bravias das paixões, nem no seu glossario, dissaborido e curto, se enrija a virilidade. Arrulha como um galan amoroso, trila gorgeios... suavemente... untuosamente... beatificamente...

Não sabe improvisar; jamais descerrou a bôca sem o previo ensaio, sem decorar a sebenta, sem trautear ao piano os periodos redondos e narcisados que lhe floream no sermonario. A replica de José Estevam a Garret, na oração inegalavel do Porto Pireu, assombra. As respostas parlamentares d'elle, enjoam d'almiscaradas.

Suas ironias não teem gume. A palavra não lhe serve de

pincelada nem golpe. Comparam-no a um escultor, e elle não desbasta marmore, funde estearina.

«Mas o gesto! o gesto!» — avisam os seus admiradores.

Por certo. Se quizerem que na oratoria e no amor o gesto seja tudo, dêem fóros de cidade a mais este proverbio: — «Não atendas ao que se diz, mas sim á maneira de dizer.» A definição mais luminosa do sr. Antonio Candido deu-a aquelle que o chamou: — *Um estilo á procura duma ideia.*

* * *

Este padre ateu, do seu ateismo faz gala. Nas exequias d'Alexandre Herculano, do alto do pulpito da Igreja da Lapa, em 1879, desenvolveu, com amores de bem querer, a lei dos tres estados d'Augusto Comte, base filosofica do ateismo moderno.

No Ateneu Commercial do Porto, a proposito do passamento de Vitor Hugo, o Procurador Geral da Coroa dum estado com a Igreja Catholica como religião official, queimou os incensos do seu bem dizer em louvor de Voltaire, o mais audaz e fulgurante inimigo da mesma Igreja, aquelle que nos legou o tremendo incitamento: *Esmaguemos a Infame!*

Na sua obra, deliciosa obra de insubstancial fraseado, o padre Antonio praz-se em acamaradar com os herejes, os impios, os revolucionarios. É no fôro externo liberal, no fôro interior amorfo. Serve para tudo.

Discursando á morte de Cánovas del Castillo, equiparou-o a Guizot historiador, e a Bismarck o fundador do imperio germanico. Tão chapada sandice, argamassa de má fé e de ignorancia, valeu-lhe de Sampaio Bruno, nas colunas da *Voz Publica*, uma dura lição, mordaz e castigadora.

Dois mezes depois, falece Gladstone. O mesmo padre Antonio que enaltecera o reaccionario Cánovas, o traidor Cánovas, o opressor Cánovas, ajoelha diante do feretro do grande velho, e aponta-o á admiração do universo como exemplo da «supremacia do genio e da virtude sobre todos as forças do mundo.»

O seu elogio funebre de Casal Ribeiro é a justificação da apostasia daquelle patuleia, que d'agressor do trono se volveu em servidor do mesmo, liquidando nas sacristias. É um hino de melifluo jesuitismo, formulando a apologia das quebras de caráter e de todas as servidões politicas.

Ora o padre anfibio era ministro do reino, quando rebentou a revolução republicana de 31 de janeiro, no Porto. Ficou-se ermo o Paço, a côrte em angustias, os politicos acoitados álámira dos ventos, o rei em transes.

D. Carlos pediu conselho e só um amigo, amigo leal e servidor sincero em toda a vida do rei, se arriscou a dar-lho: «Que marchasse para o Porto e, ou sufocada a revolução, a presença do Rei provaria animo desassombrado: ou ella triunfante, seria dever do Rei acabar quando a dinastia se findava.»

Reunido era o conselho de ministros em casa onde o padre costumava pernoitar. Bateu-lhe á porta o amigo d'El-Rei, na inquietação do perigo e demandando aviso.

Saiu o padre á ante-camara. Balbuciava, comia-se na linguagem... tergiversando. Por fim, a meia voz, com o gesto doce do confissionario, conclue:

— «O ministerio intende que Sua Magestade, neste momento, deve fazer-se esquecido da nação!»

E quando a rebeldia expirou sob as lanternetas da artilharia, o mesmo padre, o mesmissimo liberal, o admirador de Gladstone, de Voltaire, de Vitor Hugo, organisou a barbara represão dos conselhos de guerra, as violencias contra a imprensa, as sentenças selvagens do desterro e penitenciaria, desproporcionadas ao crime dos vencidos se deixarem vencer.

Nas camaras, nos discursos em resposta a Latino Coelho e Manoel d'Arriaga, o clerigo sem missa só achou para se absolver, a sublimada descoberta de que tinhamos *liberdades* a jorros e que só precisavamos *d'ordem!*

E o padre despadrado, o sacerdote ateu, sem crenças nem fé, do seu posto da suprema jerarquia da magistratura do ministerio publico, comanda a todos os procuradores régios e seus delegados, que persigam os que faltarem ao respeito á religião do reino, aos que a injuriarem, nos seus actos, dogmas, ou culto, aos que tentarem propagar doutrinas contrarias ás verdades pela igreja definidas. A Senhora da Conceição é padroeira do reino, e o ministro do Senhor que atirou com a batina ás ortigas, raspou a corôa, renegou as ordens sacras, o seu procurador!

Seria possivel um caso destes, em França ou Espanha? Quem sonharia sequer por exemplo, o p.^o Jacintho Loison, á testa do ministerio do interior, ou no conselho d'estado? Quaés os catholicos que na Espanha suportariam um padre que publicamente faz profissão d'ateismo?

Homem assim, jamais por lá passaria de fenomeno pathologico. Repellido dos crentes, regeitado pelos descrentes.

Para os primeiros seria o pecado vivo, a encarnação do mal. Para os segundos, uma ave suspeita, arribada da escuridão.

Aquelles anematisavam-no, estes desconfiavam. Rolaria á margem da sociedade como destroços de naufragio inglorio.

Para que crêssemos na sua sinceridade, era mister que soubessemos as torturas moraes, as tragedias interiores, o dilacerar duma consciencia, como se lêem as paginas arripiantes e dolorosas de Th. Jouffroy, quando perdeu a fé. Do padre Candido, apenas sabemos que foi um padre candidamente desmoralizado, e que se tornou um poder oculto da monarchia.

Diz-se por ahi que a religião é um freio. Pois ponham o freio ao padre.

A esganacção de St.º Antonio

As vozes da Boa Imprensa, seus rendimentos e milagres. — Salada de jesuitas, bulas e breves. — A supremacia do poder civil.

Pelos dias immediatos á publicação da ordem do cardeal secretario d'Estado, Merri del Val, deitando açamo aos fradinhos de Montariol, amaleitei-me de tremuras. Referviam na atmosfera prenuncios duma guerra civil. Parecia que outra bula *Unigenitus* desencadeava os odios de religião.

Era que os nossos liberaes, os liberaes portuguezes, carne sem osso, ameaçavam sair em guerrilha e migar jesuitas em picado, na defensão dos franciscanos, que como os jesuitas professam odio bemdito contra a liberdade do pensamento.

Dizem que na França tudo acaba em cançoneta; em Portugal tudo finda no grotesco.

A *Voz de St.º Antonio* era uma revista mensal, branda nas falinhas, macia na parte doutrinaria, explorando as superstições que rendem no mealheiro, com grosseria de vilita tão mais repugnante quanto os padres de Montariol não podem alegar ignorancia. E' o mosteiro uma especie d'instituto d'ensino secundario da ordem franciscana, onde assistem padres sabedores, onde se ensinam sciencias fisico-naturaes, onde existe um magnifico gabinete de fisica, e rasoaveis laboratorios de quimica.

A *Voz de Santo Antonio*, pertencia por indole e origem á *Boa Imprensa*, uma coisa que só tem razão de ser pela existencia da *Má Imprensa* que somos nós outros. Na parte final da revista, ás vezes mesmo na capa, liam-se periodos neste gôsto: — «A Santo Antonio, por me ter deparado uma boa creada: — 500 reis».

E o devoto assignava com iniciaes, e remetia a placa aos fradinhos, os santos fradinhos, que os não menos santos jesuitas mordem descaroadamente.

Quando não era cura miinho exigindo do Santo, cama fôfa para pernoitar, era um socio cabula do Centro Academico Demo-

cratico Cristão, metendo ao Santo empenho de dez tostões, para forrar de benevolencia um professor renitente, ou qualquer devota sanguinea e abandonada, comprando por uns mil reis, os carinhos amorosos daquelle que lhe desvelava as noites e queimava as insonias.

Estas *Vozes de Santo Antonio*, são innumeradas. Ha-as na Espanha, e todas se inspiram no mesmo cofre, posto falem linguas diversas. Aqui tenho uma presente, que guardo entre a papelada solta e que leva como sub-titulo: *Eco de la Pia-União: redactado por Padres de la provincia seráfica de Andalucia.*

O numero em referencia, de *La Voz de San Antonio*, leva a data de 13 de setembro de 1904, e na secção dos milagres, rebenta com o extravagante e blasfematorio titulo: — *El marido de San Antonio.*

Tal qual! Quem deletreia o titulo, começa por duvidar da vista, do papel, dos padres redatores, da Pia União, e até dos serafins da provincia serafica!

Mas, aguçado o apetite, não se peretra em capitulo de homosexualismo, chapa-se em successo de extremada devoção.

Cujo eu treslado, depois de me persignar.

«Por meados do seculo passado morava em Roma uma senhora, mais prendada d'esperanças que de fortuna. Tinha uma filha, só com o dote de sua pobreza e virtudes, que seguia solteira. A mãe, que para a filha anceava venturas, encomendou-a a Santo Antonio. Juntas fizeram uma novena ao santo deante duma pequena imagem que a casa adornava. Finda a novena, sem que o marido appareça, a filha, num impeto de mau humor, trava da imagem e despeja-a pela janela; porém com tão má sorte que em lugar de cair no chão, tombou no toitiço dum cavalleiro que ao tempo por ali passava.

«Surpreendido este com o acontecimento, penetra na casa para pedir explicações; a mãe assustada pelo acto de sua filha, relatou com singeleza a occorrença. Então o cavalleiro, cativo da formosura e modestia da nossa donzela, oferece-se-lhe para marido. Praticadas as diligencias necessarias duma e outra banda em tempo prescrito efetuou-se o matrimonio. Elle, além de bom

era rico, e ambos vivem felizes. Assim o conta Mons. del Vago, arcebispo que foi de Sardica.»

Com todos os respeitos devidos ás mitras, este Monsenhor del Vago, havia de em sua vida ter sido um desmarcado quadrupede.

* * *

Sempre os jesuitas andaram de rixa aberta com os varios concorrentes á gamela. Inimigos acerrimos foram dos dominicanos, e quando Clemente XVI extinguiu a Companhia, nos pulpitos portuguezes cantaram prégadores, nas igrejas urraram-se os mais sonoros *Te-Deums*. Salientavam-se nos louvores ao Altissimo, os gracianos, os capuchos, os eremitas de Santo Agostinho e o clero secular.

Na famosa bula em forma de breve, o Pontifice infalivel o declara — «logo, quasi desde o principio, começaram a brotar na mesma Companhia — varias sementes de discordias e emulações, não só dos mesmos socios entre si, mas tambem com as outras Ordens Regulares», etc.

Porém o jesuita, maleavel, ductil, sceptico, sem fé alguma, resistiu sempre, ora ao lado dos despotas contra os povos, ora ensinando a doutrina da soberania popular e justificando os regicidios; ora da parte de Roma humilhando o episcopado, ora a par dos bispos galicanos adversos á tirania espiritual do Papa; quer combatendo a Inquisição, quer modernamente desejando que as chamas do Santo Officio volvessem a rechinar os untos dos seus adversarios.

Mas o que os liberaes e catholicos, apostolicos, romanos, não podem ignorar, é que dentro da Igreja catolica, apostolica e romana, ha uma só fé, um só credo. E' que o Pontifice é infalivel, falando *ex-cathedra*, em materia de fé e costumes.

Como cabeça visivel da Igreja, reina e governa, absolutamente, teocraticamente.

Se o forçam a aceitar concordatas, aceita-as para evitar um mal maior, mas o espirito do dominio de Roma, o papa subjugando o mundo inteiro, não como pastor espiritual, mas dispondo

dos reis e das gentes, corpos e almas, encontram-no os catholicos liberaes, nas laudas do documento historicamente conhecido pela bula *In Coena Domini*, a onipotencia da tiara esmagando todo o poder civil, ensombrando todo o rebento de liberdade.

As chamadas egrejas nacionaes dentro do catholicismo, ninguem as conseguiu. Fracassaram em Franca com Luis XIV, na Austria com José II, na Espanha com Carlos III, em Portugal com o arranque pombalino.

Os que estão fóra da communhão romana podem chamar-se cristãos, mas Roma considera-os herejes, apartados. Dentro da Igreja ha só catholicos, não existem catholicos-liberaes.

De maneira que os nossos liberaes, defendendo contra Roma a liberdade da imprensa que a Curia não reconhece, em beneficio dos franciscanos que a mesma liberdade detestam e não reconhecem, excedem o bento arcebispo del Vago, que aconselhava escacar os santos nas cabeças desprevenidas dos viandantes ricos, material solido para o casamento e para a pecuaria.

«Mas a supremacia do poder civil!» — esbofam com olhos gazeos de avistarem mais essa pomposa burla! E onde existe, onde pode existir essa supremacia, num Estado em que o Nuncio põe e depõe prelados como no caso da resignação do patriarcha, onde os ministerios, apenas saídos da investidura regia, correm ao beija-mão do representante do Papa, onde um bispo invertido derruba um ministro que o quer forçar a cumprir a lei, onde o provincial dos jesuitas dirige a politica da estrangeira Orleans, como o padre Luis da Camara dirigia a politica feminil da côrte de D. Sebastião?

Para empurrar um Nuncio, que se intromete na politica interna, que inspira gazetas latrinarias, que dirige o partido nacionalista, é preciso ser-se Pombal ou Clémenceau.

Mas expulso elle, Roma seguiria, d'além fronteiras, incitando a malta reacionaria, por intermedio do primeiro Jacinto Candido que se lhe antolhasse, como nos papeis de Montagnini se viu que ella praticava em Franca, servindo-se do senador Piou.

Donde se conclue que o mal não está nos frades; está na Igreja.